

# BOLETIM REFLEXIVO

Nº04

*"Quando a mentira dá certo, vira verdade, né?"*

Definição de uma criança sobre mentira do Dicionário de Humor Infantil (Bloch, 1998, p.111).

## - A MENTIRA INFANTIL -

### HISTÓRIAS (uso de nomes fictícios)

Brincando em casa, um menino chamado Daniel sujou o sofá. Quando a mãe entra na sala e pergunta o que aconteceu, ele responde que foi "um menino do 9º andar chamado Danilo que entrou lá e fez aquilo".



Uma criança chega à escola pedindo para almoçar, pois "a empregada faltou e ela ficou sem comer nada". Questionada pela professora, ela dá tantos detalhes que a professora resolve telefonar na casa dela. A mãe desmente toda a história. A professora volta a conversar com a criança, agora com os dados reais do acontecido. Diante da verdade, a criança acaba reconhecendo que está apenas com vontade de almoçar no Thema com os amigos.

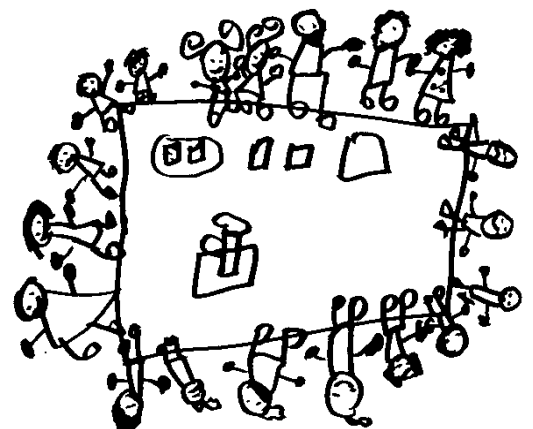
Durante uma brincadeira, um amigo morde o braço do outro. Quando questionado sobre o que aconteceu, o menino que mordeu responde que o amigo foi mordido por um "escorpião". Quando a educadora diz que aquela mordida não se parece com a de um escorpião, mas sim de uma pessoa, ele muda a história e diz que foi um "árabe". Mais uma vez a criança é questionada sobre a sua história e, por fim, acaba assumindo que mordeu o amigo.

### ENTENDENDO O PENSAMENTO DA CRIANÇA

*"Pensar é a arte de brincar com coisas que não existem. Pensamentos são brinquedos inexistentes"*

(Rubem Alves, 2013, p.6)

A criança pequena é movida pelos seus desejos. Inicialmente, apontar seus desejos e necessidades é questão de sobrevivência: "choro porque tenho fome, logo alguém me oferece alimento". Assim, seu pensamento se torna mágico e egocêntrico. O conhecimento que tem do mundo é o mundo para ela. Tudo o que ela sabe, o que está na sua cabecinha, é a realidade e é válida para todos os outros. Falamos que a criança pequena é egocêntrica não no sentido de egoísmo,



mas, de fato, porque seu pensamento é centrado nas próprias experiências e conhecimento que tem do mundo, no próprio ego. Se algo é verdadeiro para ela, então será para todos os outros. É por isso, por exemplo, que uma criança fala para alguém que acabou de conhecer: "Lembra que a Fifi gosta de tomate?". "Mas quem é Fifi?", responde o adulto. "Ué, a Fifi!", como se isso bastasse. Logo um dos familiares vem socorrer explicando que a Fifi é a cachorrinha dela...



## A MENTIRA INFANTIL OU PSEUDOMENTIRA

Se a imaginação da criança é mágica, ela lhe ajuda a elaborar e aliviar suas emoções. Para a criança, basta imaginar que a solução acontecerá - foi assim, e ainda será em muitos momentos enquanto não tiver maior autonomia, enquanto depender dos adultos para solucionar seus desafios. Desta forma, imaginar inverdades lhe parece um bom caminho, talvez o único conhecido até então (portanto autônomo/independente), para transformar algo que não é agradável como, por exemplo, o sentimento de culpa. Aliás, a criança ainda não sabe diferenciar claramente nem seus sentimentos, nem suas fantasias da realidade e é por isso que é tão fácil transformar sua realidade com o simples ato de pensar algo diferente do que realmente aconteceu. Desta forma, é sabido que toda criança pequena "mente", pois ela ainda não sabe que sua criatividade pode ser, em determinados momentos, mal vista pelos adultos. Não existe mal para ela em transpor a realidade em função de seus desejos, ela tende mais à satisfação do que à objetividade.

## MENTIRA E DESENVOLVIMENTO DA MORALIDADE

*"É na proporção dos encontros do pensamento próprio com o de outro que a verdade tomará valor aos olhos da criança." (Piaget, 1994, p.132-133).*

Inicialmente a criança só vê gravidade na mentira conforme a reação negativa do adulto. Se para ela não há mal em mentir, o mal está no adulto descobrir. É por meio da repreensão do adulto que a criança toma para si a regra de que "mentir é errado", sem, num primeiro momento, compreender qual a razão disto. As regras poderão ser levadas ao pé da letra até que ela tenha o desafio de praticá-las e experimentá-las na realidade por diversas vezes e de formas variadas, refletindo a respeito e



contraponto seu ponto de vista com o dos outros. Por exemplo: num jogo de tabuleiro, a criança pode defender fortemente a regra de que é permitido jogar o dado apenas uma vez até que ela passe pela experiência de jogá-lo tirando apenas o número um. Isso não lhe parece justo. Mas, em outro momento, observa um colega passar por situação semelhante sem se sentir injustiçada, pelo contrário, ainda animada com a possibilidade de vencer. Ou, ainda, observa que nem a própria sorte de tirar números

altos lhe garante a vitória do jogo, pois pode cair em uma casa que lhe obriga a retornar para o início do tabuleiro do jogo.

Assim, a criança vai checar e chocar suas razões, suas fantasias constantemente com a realidade de várias pessoas. E, muitas vezes, não entrará em acordo até que observe que existe um caminho comum, um caminho em que as regras podem ser universais, que é o caminho da verdade e da cooperação. Ela precisa "trazer o policial de fora para dentro" (Fraiberg, *apud* Brazelton, 1994, p. 409). Ou seja, a criança só terá a noção interiorizada e compreensiva da regra, só compreenderá, de fato, a ordem do "não mentir" quando puder experimentar a reciprocidade e o respeito mútuo que pressupõe o ato de não mentir: enganar alguém suprime a confiança mútua.

## COMO LIDAR COM A MENTIRA INFANTIL

*"O adulto não deve perturbar a fantasia da criança, mas também não deve reforçá-la."*  
(Lobo, 1997, p.281).

Se um acontecimento pode ser vivenciado e explicado pela criança de forma fantasiosa, seu sentimento não o é. Sua angústia em desapontar um adulto querido é, muitas vezes, o motivo pelo qual a criança mente. O medo e a culpa estão presentes, são reais e não devem ser desmistificados pelo adulto. Mas, se a farsa infantil não for desvendada pelo adulto, a criança irá demorar a perceber a realidade, retardando seu desenvolvimento moral. O adulto jamais deve perder a oportunidade de ensinar a responsabilidade e o respeito aos outros e a si mesma. Como fazer?

**MODELO** - Em primeiro lugar e mais importante está o modelo do adulto. O adulto deve ser sempre verdadeiro e honesto tanto com a criança quanto com os outros.

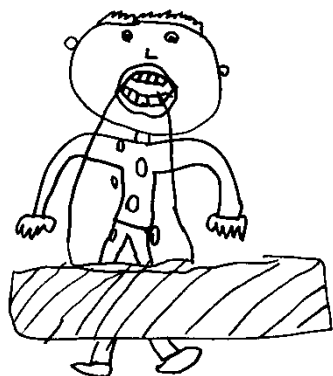
Deixar o bebê na casa da avó e sair de mansinho escondido para poupá-lo da despedida certamente não é um bom modelo, tampouco uma boa experiência de confiança a ser transmitida para a criança.



Pedir, cochichando e fazendo mímicas, para que digam ao telefone à "moça do telemarketing" que você não está, pode de lhe parecer justo, afinal, quantas vezes ela realmente pode te importunar? Porém, não é um bom exemplo de verdade, como a regra da verdade poderá ser generalizada para as crianças assim?

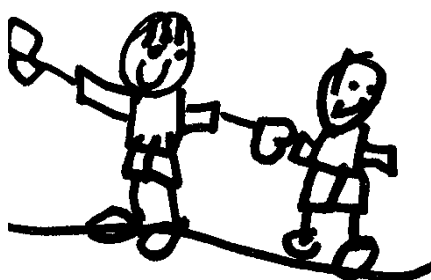
Criar explicações fantasiosas em algumas situações não é nada produtivo na educação de crianças. Às vezes somos tão infantis quanto elas na tentativa de aliviar nossas ansiedades e tensões. Dar bronca numa mesa porque "ela bateu na cabeça da criança" não a ajudará de forma alguma na diferenciação entre fantasia e realidade, pelo contrário, a confundirá, pois ela acredita facilmente nas coisas mais absurdas. Se o adulto fala que alguém está no bolso da criança ela irá procurar lá, até que se sinta boba e desconfiada.

As "brincadeiras de faz de conta" são "brincadeiras de faz de conta", são jogos simbólicos e não "brincadeiras de mentirinha" - cuidado com os termos usados com as crianças.



**NÃO AMEAÇAR** - É completamente incoerente exigir que a criança não minta se a ameaçamos no dia a dia com inverdades. Não se pode esperar que ela perceba objetiva e responsabilmente a realidade se tornando fiel a ela se dizemos para "não ir para aquele lado senão o bicho papão irá pegá-la", ou "não fugir de casa, porque o homem do saco vai comê-la". Assim, na checagem que ela fará em suas diversas experiências descobrirá que não pode confiar nos outros e que poderá discursar fantasiosamente conforme seus interesses a fim de atingir seus objetivos.

**CONTROLAR REAÇÕES EXAGERADAS** - Por mais que se sinta decepcionado diante da mentira de um filho, lembre-se que ele ainda não compreende responsabilmente porque não deve mentir, sua intenção é genuinamente positiva e, talvez, o único caminho independente conhecido por ele. Evite reagir de forma horrorizada diante de uma mentira e se o fez, admita e peça desculpas. As reações destemperadas e os castigos severos levam a criança a três possíveis caminhos: consciência rígida demais, revolta ou repetição compulsiva da mentira. Procure compreender as circunstâncias dos fatos e os motivos da criança, só assim poderá conduzi-la num bom caminho.



**DIÁLOGO COMPRENSIVO BASEADO NO RESPEITO MÚTUO E NA COOPERAÇÃO** - Não deixe passar. Por mais engraçadinha ou corriqueira que pareça uma mentira, ela é uma boa oportunidade de conversa. Se o adulto não contrapuser a fantasia da criança com a realidade, ela manterá seu pensamento mágico e egocêntrico certa de que só há mal na mentira que é descoberta. É preciso confiar na criança demonstrando boa vontade em ajudá-la, mas sempre a aproximando da realidade, ensinando-a a entender as consequências de suas atitudes. Discuta o episódio, procure descobrir com ela as razões que a levaram a mentir, pois isso a ajudará a respeitar os

sentimentos e direitos alheios. Se necessário, aplique sanções que a ajudem a relacionar atitudes com suas consequências.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Paisagens da Alma*. São Paulo: Planeta, 2013.
- BLOCH, Pedro. *Dicionário de Humor Infantil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- BRAZELTON, T. Berry. *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LOBO, Luiz. *Escola de Pais: para que seu filho cresça feliz*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.
- PIAGET, Jean. *O Juízo Moral na Criança*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.